ANO I N.º 24
umero avulso 5$oo

LOURENÇO MARQUES
1 de Abril de 1934

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

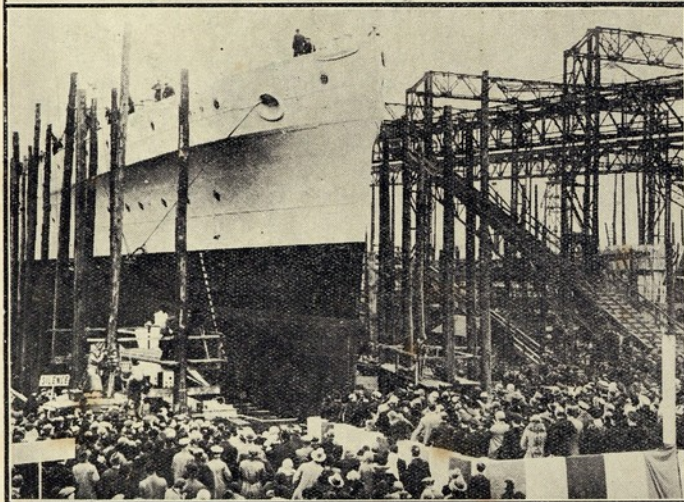
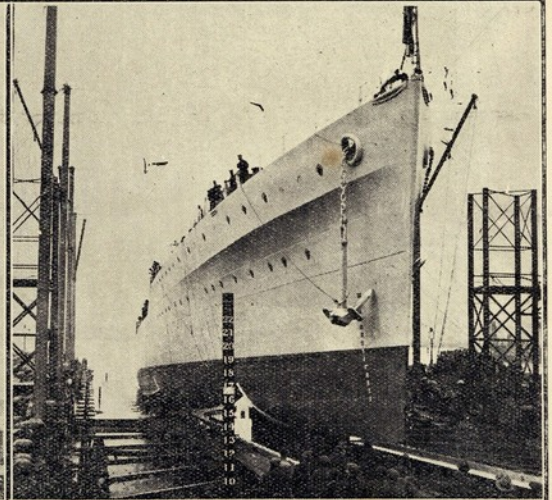
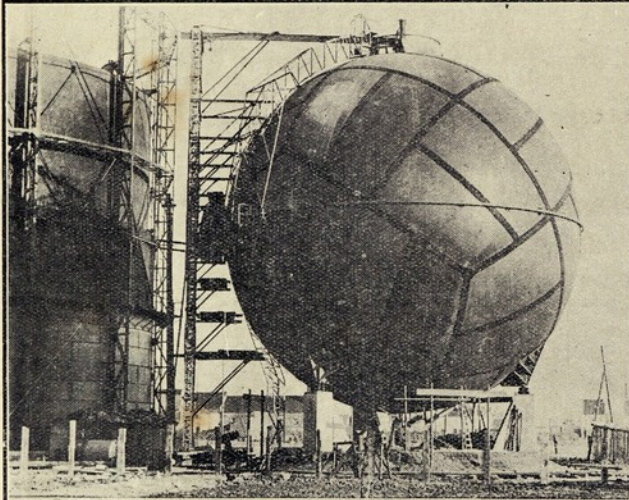
Propriedade da Emprêsa Tipografica — Director — SOBRAL DE CAMPOS — Sede — Praça 7 de Março

Uma flôr entre as flôres...

(A interessante «estrela» Sari Maritza)

Actualidades do estrangeiro

O sr. Pu Jí, imperador da China, que ha pouco foi entronizado como imperador de Manchukio, em Hainking. A fotografia foi tirada por ocasião das cerimonias da entronização, depois de Pu Ji ter oferecido varias dádivas aos deuses e de ter lido uma mensagem dirigida ao Ceu.

John Rockefeller, magnate americano e o homem mais rico do mundo, completou recentemente os seus 94 anos. Aqui o vemos, fotografado no dia do seu aniversario, na companhia de dois dos seus netos.

Um novo tipo de gazometros está sendo construido na Belgica pela Companhia de Gaz de Ostende. Parece-se muito com nma enorme bola de foot-ball e é o primeiro tipo de gazometro que se constroi na Europa.

Dois dos seis novos cruzadores ingleses lançados à agua no mês findo. As cerimonias do lançamento foram muito concorridas e constituiram um acontecimento.

A interessante «estrela» americana Mae West que está vivendo sob a ameaça de ser vitriolada por bandidos.

Ao fim de um ano

Faz agora precisamente um ano que **O Ilustrado** nasceu. Ao iniciarmos a sua publicação — reconhecendo quanto era interessante que na Colónia vivesse uma revista desta natureza, mais: a necessidade de que ela se criasse e se mantivesse — não desconheciamos o arrôjo de uma tal iniciativa, nem os escolhos e os riscos que poderiamos encontrar pelo caminho. Maduramente pensada e preparada antes de a lançarmos a público, viamos nela a possibilidade de singrar, ao fim de algum tempo, talvez sem lucros, mas também sem prejuizos de monta. Se assim fôsse, o nosso espirito ficaria já satisfeito, pela compensação que ia encontrar na realização de uma obra útil, de uma obra de cultura que, honrando-nos, honrava também esta Colónia e a sua Imprensa. E, animados dêstes propósitos, metemos ombros decididos à tarefa, dispostos a perder, durante um ano, algum capital.

Acontece, porém, que os prejuizos verificados vinham, de há certo tempo, excedendo a nossa espectativa e tudo indicava que iamos caminhando para o fim, sendo rematada loucura insistir, por muito tempo, na publicação do **Ilustrado**. Já em Outubro do ano findo o... panorama financeiro da nossa revista gráfica não era de molde a alimentar claras esperanças de um possivel equilibrio. A-pesar-disso — e até de se acentuar o desequilibrio — não desanimámos nem deixámos de procurar melhorá-la e até de organizarmos, com todo o carinho, o número especial do Natal, que foi justamente apreciado, não só na Colónia como fora dela, por pessoas de tôdas as classes sociais e pelas individualidades de maior categoria mental do nosso País.

Mas, não obstante êsses esforços, a boa colaboração literária e artística de que procurámos rodear-nos e nos foi dada, o aperfeiçoamento gráfico que gradualmente lhe fomos introduzindo, o contacto com as actualidades mais palpitantes do estrangeiro — por forma a termo-las aqui primeiro do que em outras revistas congeneres vindas de fora — não obstante tudo isto, **O Ilustrado** continuava e continuou a encontrar cada vez mais dificuldades e a tornar-se, para nós, num pesado fardo que só agüentavamos mercê da nossa fôrça de vontade, da nossa persistência e da nossa decisão firme — tomada desde o início — de não lhe darmos fim, houvesse o que houvesse, antes que decorrido fôsse um ano sôbre o seu aparecimento.

Teve deficiências a nossa revista gráfica? Teve-as, certamente. Não correspondeu ela, plenamente, ao que o público esperava e desejava? É possivel. Nós próprios sentimos que **O Ilustrado** ficou um pouco distante da maneira como o concebemos. Poderia, talvez, ser mais vivo, penetrar em outras camadas e aí surpreender e colher os flagrantes que mais pudessem prender e interessar? É possivel. Mas certo é que tudo isso não se realiza de um jacto, que só se faz e pode conseguir-se aos poucos, à medida que uma revista destas se infiltra, vai criando apoio no público e nêle colhe incentivos fortes que se traduzem por ambiente de aplauso e pela contribuição material resultante de uma maior e progressiva expansão. Foi o que, no geral, se não verificou.

Esta arrojada e interessante iniciativa não nos honrava só a nós — repetimo-lo. Honrava também a Colónia. Por isso persistimos sem desfalecimentos e fomos até onde nos foi possivel — até à fronteira daquilo em que o espirito de sacrifício por uma idéa possa tomar o aspecto de perda de bom senso.

Tinhamos pensado em fazer, através do **Ilustrado**, a união de inteligências e de esforços mentais da Colónia. Pensámos que **O Ilustrado** viesse a ser um espelho, um reflexo vivo, palpitante, da vida da Colónia, da Metrópole e do estrangeiro. Norteados por esta orientação, pedimos colaboração e fotografias a numerosas pessoas espalhadas por diversos pontos dêstes territórios, mas escasso foi o número dos que acorreram com entusiasmo às nossas solicitações. Seria, pois, necessário empreendermos nós, directamente, essa tarefa: deslocarmo-nos, nós e o nosso fotógrafo, para os diversos pontos da Colónia, e aí colhermos as impressões da vida das Circunscrições para as trazermos, em gravura e em prosa, para as páginas do **Ilustrado**. Tais reportagens, porém, como bem se compreende, tornar-se-iam imensamente dispendiosas — e talvez pouco compensadoras — só podendo ser levadas à prática com base segura, isto é, logo que, devidamente ajudado, **O Ilustrado** tivesse encontrado, no necessário apoio, a possibilidade de se abalançar a tamanhas despesas.

Quanto às reportagens literárias e gráficas das actualidades metropolitanas — para o que empenhámos os nossos bons esforços — encontrámos também numerosas dificuldades, por êsses serviços não estarem montados em Portugal como o estão no estrangeiro. Só agora, ao fim de várias tentativas fracassadas, iriamos ter essa colaboração, e, mesmo assim, em condições muito mais onerosas do que as que nos traziam as do estrangeiro.

Tudo isto nos impediu de realizarmos o nosso sonho tam alto, tam útil e tam interessante como o concebemos.

Foi mais uma experiência, mais uma iniciativa perdida, mais uma tentativa de cultura, asfixiada ao fim de doze meses de pertinácia.

Não culpamos ninguém pelo nosso insucesso. As dificuldades da vida, trazidas a tôda a gente pela Crise que gravemente se acentuou precisamente no último ano decorrido — e que parece, infelizmente, não ter ainda atingido a sua culminância — os cortes de vencimentos aos funcionários públicos e a conseqüente diminuição da capacidade de compra, a reflectir-se também no comércio, na indústria e nas chamadas profissões liberais, levou todos a restringir as suas despesas e a limitá-las, embora com pena, naquilo que não represente uma necessidade imprescindível. Daí o não ter acorrido ao **Ilustrado** um maior número de anunciantes e o ter até baixado o número dos seus leitores, a-pesar-de êle ter melhorado, sensivelmente, nos últimos tempos. Daí mesmo, talvez, a falta de alguma colaboração esperada da Colónia, certo sendo, como é, que o problema actual da vida de cada um, no seio de preocupações absorventes de todos os dias e de sérias apreensões sôbre o futuro, deve quebrar o interêsse por certos aspectos da vida espiritual e tolher o passo — de parceria com a acção do clima — aos entusiasmos que deveriam cercar uma emprêsa destas. É natural. Sejamos lógicos e vivamos dentro do quadro das realidades que nos cercam.

Foi uma tentativa que falhou...

Não obstante o fracasso, os prejuizos materiais que nos acarretou e o que há sempre de doloroso no desfazer de um sonho, não estamos arrependidos de termos dado execução a esta iniciativa. Está dado o exemplo. Está aberto o caminho. Oxalá outros, melhor do que nós, com mais sorte do que nós, com mais êxito do que nós, possam repetir, em melhores tempos, a experiência que fizemos e que vemos terminar — tam inglòriamente! — com profundo desgôsto. Oxalá! Daí só poderá resultar um bem para a Colónia e para a vida espiritual de velhos e novos — especialmente dêstes — aqui residentes.

Ao fecharmos, pois, com o número 24, a publicação do **Ilustrado**, e, ao darmos, serenamente, estas reflectidas e claras justificações, que se nos afiguram justas e próximas da verdade, só nos resta agradecer, muito penhoradamente, ao dr. Sobral de Campos, que tam competentemente o dirigiu, aos nossos distintos colaboradores literários e artísticos e aos nossos amáveis assinantes, leitores e anunciantes, a atenção e o apoio que nos dispensaram durante esta travessia difícil — travessia cheia de esperanças que tombaram e de realidades espinhosas que teimaram em não desaparecer, antes primaram por se acentuar de mês para mês...

E, finalmente, queremos deixar aqui bem consignado que todos os nossos prezados assinantes que tenham pago as suas assinaturas sem terem recebido o número de **Ilustrados** a elas correspondentes, serão reembolsados das importâncias que hajam pago a mais.

Uma exposição

São tam raras as manifestações de arte em Lourenço Marques que não podia deixar de ser acarinhada e recebida com agrado a exposição de pintura e arte aplicada que a Escola Vasco da Gama e o professor de pintura José do Nascimento realizaram, recentemente, no 1.º andar do Café Rialto.

Já no ano passado, e precisamente no número de abertura do «Ilustrado», aqui fizemos agradáveis e justas referências à primeira exposição dêste ramo artistico levada a efeito com bastante êxito. E tivemos, como é natural, para tal acontecimento, as palavras de incitamento que tais iniciativas merecem e reclamam em qualquer meio.

A segunda exposição, agora feita, marcou, iniludivelmente, definidos progressos sôbre a anterior encontrando-se entre os numerosos trabalhos expostos alguns de bastante merecimento, revelando qualidades intrínsecas dos alunos e técnica mais segura, pelo que nos cumpre felicitar êsses alunos, o seu professor sr. Nascimento e Madame Pinho, directora da Escola.

A continuarmos assim, nada nos admirará se, dentre tantos alunos dos dois sexos, um

ou outro — educando a sua sensibilidade, cultivando o seu espírito, afinando o seu poder de observação, adextrando o seu pincel — nos venha a surgir, mais tarde, como o intérprete desta paisagem africana, dêstes sois ardentes, dêstes poentes trágicos. E seria interessante e esplêndido que isto acontecesse.

Já aqui o dissemos aos novos que escrevem, que estão dando os primeiros passos nas letras: que procurassem criar e erguer uma literatura africana — para o que não lhes faltam temas sugestivos e empolgantes.

O mesmo dizemos, agora, aos que estão criando entusiasmo e carinho pela pintura: pintem-nos a África.

Aquela mulher...

Lá fora, a tempestade chorava no seio da noite iníqua e brava. O vento corria em rabanadas loucas, uivando como um cão. A luz violácea dos relâmpagos estampava um manto fulgurante na face plúmbea das núvens e na crosta negra da terra. O rugir surdo dos trovões erguia-se como um urro de fera enraivecida. Chovia.

Os olhos afogados num mar de lágrimas, na fronte desenhadas fileiras de rugas profundas, Jerónimo, sentado à secretária, contemplava, entristecido, um retrato de mulher formosa e uma carta redigida em papel azul: a despedida infame da esposa adúltera!

Ela partira presa de um outro amor (quem sabe se fugaz!...), amor que não o seu, sempre tam sincero, sempre tam leal.

Derruira, portanto, como se por ela tivesse assobiado um vento de tragédia, essa magnífica tôrre de ilusões que dias e dias sem fim levou a arquitectar, a alma repleta de uma doçura infinita, um sorriso de satisfação e de benignidade a iluminar-lhe a estreia da vida...

■ ■ ■

Numa noite nevoenta, há longos meses, encontrara Jerónimo, nas proximidades do Teatro da Ópera, a mão descarnada duma velhinha cega, implorando uma esmola. Acompanhava-a uma rapariga linda, extraordinàriamente gentil! Os seus olhos eram zarcos como o céu em tardes de primavera, na face ingénua e dôce, laivada por um sorriso triste, resplandecia a palidez dos lírios e os cabelos, negros como o mistério da noite, de fartos e soltos, tocavam a altura das ilhargas.

Aquela imagem poética de Madona não mais se divorciou, em tôda a noite, da mente de Jerónimo.

Desenrolava-se, na ribalta, um drama intenso, e um tenor de vez meiga entoava uma melodia tristíssima.

Não obstante êste notável valor artístico, Jerónimo permanecia alheado, o pensamento longe, na rua, junto da companheira da ceguinha que esmolava.

Na noite seguinte, tornou à Ópera.

Lá estava, naquele local recatado e penumbroso, o par modesto da ceguinha e da madona dos cabelos longos.

Decorreram dias, assim, nesta espectativa, longos e intermináveis dias para o espírito de Jerónimo atormentado já pelos primeiros rebates do amor.

Até que numa noite, noite de luar infinito a beijar a terra num abraço vírgem, quando elas partiram vergadas ao pêso da miséria e daquela sina maldita de mendigas, êle também partiu, a espreitar-lhes os movimentos com os olhos acesos de um espião (não fôssem elas tragadas sùbitamente por qualquer viela emboscada), levado na esperança de conhecer-lhes a moradia.

....

Casaram. Nasceu-lhes um filho.

O nascimento daquela criança foi como um raio de sol que lhes tivesse entrado no lar. Que alegria! que alegria!

João passara a ser o ídolo à volta do qual rodava a vida inteira dos pais. As suas lágrimas — lágrimas características de criança — eram recebidas com enorme aflição. Não estivesse êle doentinho!...

Os seus sorrisos eram bálsamos embriagadores, cheios de luz, cheios de encantamento!

No escritório, mal acabada de soar a última badalada das cinco, Jerónimo abandonava a mesa de trabalho e corria, lesto, para casa, corria a beijar o filho estremecido.

E debruçavam-se à beira do berço, êle e Adriana, numa adoração mística e inefável, horas embevecidas a sonhar!...

■ ■ ■

O golpe fôra demasiado rude para a alma sensível de Jerónimo.

A mulher que êle arrancara do charco de miséria, a quem oferecera um nome honrado e um lar farto e carinhoso, praticara acção tam vil que a fazia ombrear com a última rameira da via martiriznte dos alcouces.

Não lhe importara a sorte do filho pequenino, abandonando-o; não guardara um gesto de nobreza para com aquele que tanto a amava.

Sucumbira, simplesmente, à rajada impetuosa das paixões — ela em cujos lábios sorria eternamente uma sombra de candura, ela em cujos olhos zarcos chispavam sempre centelhas de bondade...

De que estranha psicologia era formada a alma daquela mulher!...

Jerónimo era presa de um profundo acabrunhamento moral. Pelo seu cérebro febril perpassava tôda uma enorme vaga de pensamentos amargos. Rangia os dentes. Dava punhadas violentas no peito, na secretária, no retrato de Adriana. Uma tentação homicida arrastava-o para os abismos do crime. O peito arfava-lhe. Os olhos desvairados corriam-lhe nas órbitas como bolas de bilhar...

No quarto contíguo ouviu-se uma criança chorar.

Jerónimo suspendeu-se, escutou um momento.

A criança calara-se. Tornara a adormecer.

E aquele filho estremecido que dormia como um anjo, lá dentro, no bercinho repleto de rendas níveas? Sim! Aquele filho seria seu ou...?

Se não fôsse seu filho, se em suas veias não corresse o seu sangue, êle não estaria agora lá dentro nos braços de um sono ingénuo e sossegado. Teria seguido, sem dúvida, a rota aventurosa da mãi.

Mas o estado de profundo alucinamento, de ódio e de dôr, que abraçara a mente de Jerónimo, não lhe permitia o raciocínio claro.

O seu cérebro parecia mergulhado numa embriaguês extraordinária de «whisky».

A luz dos seus olhos escurecia.

Os objectos, a secretária, as cadeiras, ensaiavam um bailado fantástico, demoníaco, vertiginoso. Corriam, corriam como rodas de locomotivas, à volta dêle, à volta do quarto.

O retrato de Adriana voava, roçava-se-lhe pela face, numa atitude vexatória. Insultava-o, ria-se diabòlicamente, ria-se da sua dôr em casquinadas cínicas.

As paredes desmoronavam-se, as portas batiam com ruido atordoador, as vidraças esmagavam-se tilintando.

O vento assobiava como uma bala...

E aquela dúvida (o filho seria seu?), aquela dúvida gigantesca e dolorosa a perfurar-lhe a alma como um ferro em brasa!

O seu cérebro ardia como o inferno; o crânio ia estalar como uma casca de noz...

A cabeça pesava-lhe como ferro: parecia-lhe que transportava sôbre os ombros o Universo.

Um trovão ribombou lá fora...

Jerónimo ergueu-se de um salto: a cadeira foi partir-se de encontro à parede.

Enlouquecera!...

Aquela dúvida infernal que o seu espírito lançara no pélago tumultuoso dos seus pensamentos, fôra o tufão furibundo que o arrastava para a senda trágica da loucura.

Em meia dúzia de passadas vigorosas, atingiu o berço.

Sacudindo bruscamente João, que chorava, preguntou-lhe:

— Tu és meu filho? Tu és meu filho? Ah! não me respondes!...

Então as mãos do louco apossaram-se do pescoço frágil da criança, os dedos comprimiram-se devagar, devagar, e... estrangularam-na, emquanto êle continuava a interrogar, de mansinho, as palavras a roçarem sinistramente os dentes semi-cerrados:

— Tu és meu filho? Tu és meu filho?

Lá fora, a tempestade pareceu amainar por um momento. Um grande silêncio reinava no quarto. A lamparina brilhava frouxamente. Os olhos alucinados de Jerónimo corriam nas órbitas como bolas de bilhar. As suas mãos de filicida pendiam numa atitude triste...

Nisto, ou por via da intensidade do drama que acabara de desbolinar-se, ou por via de qualquer outro factor diferente, um relâmpago de lucidez perpassou pela demência de Jerónimo e tôda a abjecção do seu crime ressaltou de um modo indelével.

Estremeceu. Fitou os olhos tristes nos olhos esbugalhados da pobre criança. Fitou-os naquelas manchas roxas que lhe maculavam a alvura do pescoço...

Uma dôr imensa, uma dôr imensa, confrangeu-lhe o coração!!!

Vergou os ombros, vergou os joelhos, encostou os lábios escaldantes aos lábios defuntos do filho e chorou amargamente...

Depois, num ímpeto vibrante de loucura indómita, ergueu-se e precipitou-se no seio da noite iníqua e brava, a correr, a correr...

....

No dia seguinte, ao branquear da alvorada, um cadáver foi encontrado numa rua qualquer...

Hediondo, o crime dessa mulher!...

MANUEL JOÃO CORRÊA

PÁGINA DOS NOVOS

Adoração

(A MLLE. PATRICIA

No requebro ligeiro da cintura
Que a sua graça faz ao perpassar,
Há sonhos palpitantes de ventura
Que eu desejara há tanto acalentar!

Dá-me vontade pô-la sôbre o altar,
Qual burilada forma de escultura;
E da face morena, de encantar,
Fazer o pergaminho duma jura!

Jura de amor eterno, de saúdade,
Que vá mostrar por tôda a Eternidade
Uma sombra passada, o que lhe quis!

Sombra que vá, bem devagar, morrendo,
A medida que fôr desapar'cendo
No brilho dos seus olhos juvenís!

L. Marques — Março de 1934.

GONÇALVES PEREIRA

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro veio ao mundo nesta linda terra portuguesa, após as dolorosas lutas fratricidas que sangraram a Nação e a deixaram em espasmos morais de esgotamento.

A essa debilidade seguiu-se, como é natural, a inevitável, a conseqüente crise de desalento, e, dada a nossa tendência para o fatalismo árabe, que ainda hoje se traduz na simpatia pelos acordes plangentes do «choradinho», surgiu o pessimismo, a reboque de irónicas indiferenças e desdens anti-patrióticos. Por isso, ao revelarem-se as faculdades criadoras do Artista, não aprisionaram em volta de si o interêsse e o carinho merecidos pela sua Arte.

O clima político, ùnicamente propício às cabalas dos caciques embrenhados em ambições puramente pessoais, no jôgo mesquinho de egoismo, não permite aos governantes o considerarem a Arte em suas modalidades, como a expressão mais alta no nível cerebral duma nação. Êles vêem-na apenas como entretem de cabeças falhas de equilíbrio. O povo adulado nos jornais como soberano, mas de facto animalizado por trabalho sem tréguas, incultura absoluta e esmagado de privações, não possuia o sexto sentido da compreensão da Beleza. As classes de «élite», salvo raríssimas excepções, eram cultas nominalmente. Dominadas por preconceitos retrógrados, olhavam com certo desprêzo, mascarado de tolerância bonacheirona, os que pela pena, pelo cinzel, pela paleta, pelo lápis, conquistavam os autênticos pergaminhos de fidalguia eterna.

Nascido numa família de Artistas, Rafael muito cedo vinca raro talento em aptidões diversas. Mas, instável por natureza e cercado dum ambiente frívolo, cerrado por convenções hipócritas, não se fixa. Só quando audaciosamente se liberta de opressões mesquinhas, ascende a criações impetuosas, por vezes crueis, mas vibrantes de realismo.

Para compreendermos bem a trajectória dum artista não podemos desintegrá-lo do meio em que floresce e se notabiliza. Taine nos avisa, na sua Filosofia da Arte, de que o grande Artista não é um produto isolado, caído do céu, mas um derivado do conjunto que o explica. Assim, para entendermos as setas dardejadas pelo lápis zombeteiro de Rafael, freqüentemente tocado de génio, precisamos de ver num relance o quadro da intelectualidade portuguesa, de que êle faz parte. Rafael na caricatura, Oliveira Martins na história, Junqueiro na sátira, Eça no romance, Guilherme de Azevedo, Júlio César Machado e Ramalho na crítica, formam grupo activo de demolidores. As suas estocadas, dirigidas contra um regime gasto pelos êrros, pela inércia, pela insuficiência de fé, pela falta de sinceridade na profissão do idealismo dos que se dizem defendê-lo, atingem o coração da Pátria. Êsse grupo flamante de mocidade, embriagado por aspirações a desbravadores da selva portuguesa, não atenta na profundidade dos males causados por suas armas irreverentes. Em vez de exalçar as almas à crença em Portugal, à evidência plena de que um povo crente em si não morre, lança no seio da sua geração e da que se lhe segue o desapreço pela terra gloriosa que lhe foi berço.

Vergastada pela proclamada certeza da pretensa incapacidade nacional, a gente môça desvaira em heresias contra a mentalidade portuguesa, perde a nítida visão da dignidade lusíada.

Quando o grupo iconoclasta se apercebe das suas culpas é tarde. O fermento alastra e produz males, por nossos pecados, ainda latentes.

Rafael Bordalo Pinheiro, passada a fase turbulhonesca de incisivo desrespeito, a sua veia sarcástica, adoçada por factores impossíveis de fixar nos limites acanhados duma crónica ligeira, eleva-se à concepção perfeita do que deve ser, caricatura e torna-se um humorista de milagroso engenho. Em rajadas de talento, o seu lápis sublinha com inexcedível graça os acontecimentos políticos de Portugal e estrangeiro, polvilha de sorrisos levemente irónicos as atitudes de personagens categorizados. E com paixão entrega-se também à cerâmica.

Nêste ramo de arte aplicada, como decorador, renova processos, inventa motivos, assinala o seu génio em criações originalíssimas, de gôsto requintado. Os seus barros miniaturais, de surpreendente beleza, assombram pelo expressivo fisionómico, pela delicadeza, formosura e perfeição, pela agudeza do pormenor.

Morto Rafael, da sua obra que ennobrecera Portugal, esquecida e dispersa em jornais, em revistas, por casas de amigos, ou por salões de venda, pouco aproveitaria à espiritualidade portuguesa presente e futura, como lição e espelho das possibilidades e glórias artísticas nacionais, se não aparecesse a salvar-nos de tal vilipêndio o poeta Cruz de Magalhãis. Fanático admirador do artista insigne, dispondo de alguns haveres, dedica-se com fervor à criação dum museu.

Devoto sem esmorecimentos, não arrefece em seus entusiasmos de coleccionador. Consegue aprovisionar trabalhos bastantes para um pequenino Museu. Manda construir uma casa caracterizadamente portuguesa, destinada a expor as preciosas colecções adquiridas. Mas a sua iniciativa é bem acolhida e logo afluem incentivos, dádivas, ofertas de venda. O Museu, primitivamente ocupando três salas, em pouco tempo alastra e enche a casa tôda.

À data do falecimento de Cruz de Magalhãis já a posse do Museu Rafael Bordalo Pinheiro pertence à Câmara Municipal de Lisboa. É então que, entregue a sua directoria ao cultíssimo espírito duma mulher superior — Julieta Ferrão — o Museu adquire a beleza alada que o torna um templozinho de Arte, simples, despretencioso, mas de sugestivo encanto.

Julieta Ferrão é a directora ideal que o Museu exigia para desenvolver-se e prosperar. Alma de artista, criada e educada por Cruz de Magalhãis nos ardores da fé veemente no excelso padroeiro da casa, inteligência lúcida e activa, ao serviço de zêlo e devoção inquebrantáveis, ninguém poderia prestar ao Museu os serviços valiosos que esta senhora lhe vem prestando, merecedores de calorosos e justíssimos aplausos.

Emília de Sousa Costa

Lapis... sol... e fruta... *Vistos por X.*

Publicou, há dias, o «Notícias» uma entrevista com a grande escritora brasileira D. Júlia Lopes de Almeida, e nesta se fez referência a um dos seus livros mais conhecidos, a novela epistolar «Correio da Roça», que já conta seis edições e entrou no seu 11.º milhar.

Hoje, reproduzimos nós uma das cartas que constituem a curiosa obra, talvez a de não maior relêvo literário, mas seguramente aquela em que melhor se condensa o nobre pensamento da autora. Segue a carta:

MINHA MARIA

Abrindo um livro

Queixas-te de que enviuvaste, ficando com poucos haveres e quatro filhas môças, educadas para a cidade, e que te vês obrigada a confinar-te, por economia, dentro da tua velha fazenda do «Remanso», a que adicionaste o sítio ainda mais velho da Tapera, agora herdado de teu pai.

Acho que estás muito bem.

E, com certeza, por modéstia que te lamentas da escassez de meios, tendo a rodear-te quatro cabeças inteligentes, oito braços fortes e à tua disposição não sei quantos quilómetros de terras, planas umas, montanhosas outras, e tôdas localizadas a não muito grande distância da estrada de ferro.

A tua vida nova interessa-me muito para que eu perca, e te faça a ti perder tempo, relatando-te o que vi de maravilhoso e de banal nas terras estrangeiras onde o meu filho permanece, completando estudos da sua especialidade. O principal é que voltámos, meu marido e eu, com excelente saúde.

Entremos, agora, no teu assunto:

Vejo que as tuas filhas te preocupam, estiolando-se nêsse clima magnífico, pela mórbida cultura de saüdades dos nossos saraus e das nossas avenidas... Antes cultivassem batatas, filha. Para que se não indignem, faze-lhes notar que esta opinião nada tem de ofensiva. As batatas nacionais, sobretudo as que no nosso mercado têm a denominação de «batatas rim», são incomparàvelmente superiores a quaisquer das outras estrangeiras que importamos de França ou de Portugal, da Nova Zelândia ou do Chile. Por mim, afirmo-te que os meus fornecedores têm ordem de não proverem com outras a minha despensa, a não ser quando elas em absoluto nos faltem na praça, o que é freqüente. E porque faltam? Porque são cultivadas em pequena quantidade e tôdas se esgotam mal aparecem no mercado. Dizem que as batatas nacionais se estragam mais depressa que as estrangeiras, porque os seus cultivadores ainda não as sabem resguardar convenientemente na sua remoção do campo para as cidades, nem procuram conservá-las em celeiro das estações de fartura para as de penúria. Não sei, nunca indaguei nada a tal respeito; mas presto-te um serviço chamando para êsse assunto a tua atenção e lembrando-te que, se incumbisses uma das tuas filhas de estudar e fazer pôr em prática, sob a sua administração, essa espécie de cultura nas terras abandonadas da «Tapera», essa das tuas filhas não teria tempo de se estiolar, como uma monja num convento, com idéas inúteis, e pouco a pouco se interessaria pelo sítio em que vive e que a sua actividade tornará cada vez mais lindo e mais próspero.

Assim, em vez de acoroçoar a melancolia das tuas pequenas, suspirando por alegrias extintas e assinando-lhes jornais de modas que elas não podem seguir nessas paragens benignas, assina de preferência revistas agrícolas, instrutivas, alegres, que lhes dêem noções aproveitáveis de indústrias campestres e as induzam a um trabalho propício e benéfico em favor da sua linda propriedade, êsse frondoso «Remanso», em que as águas cantam entre as lages brancas, as aves vôam em revoadas e os altos pinheiros nodosos estrelam de verde-negro a limpidez azul do espaço imenso.

Acredita que o campo brasileiro será eternamente triste se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de actividade, de amor á natureza, levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor. As tuas quatro filhas educadas no colégio de Sion, só com destino às salas ou às sacristias, vêem-se dentro das grossas paredes dêsse velho casarão do «Remanso», como freiras em um convento (expressão tua), em que apenas é permitida a entrada do folhetim-romance e nada mais. É pouco. Estudam ainda o seu piano, bordam, ajudam-te nos misteres caseiros, revezam-se na confecção de dôces e de biscoitos e suspiram pela rua do Ouvidor, que mal chegaram a gozar, entre a saída do colégio e a morte do papai.

E tu consentes que tal programa de vida se realize, tu, que na plena maturação dos teus belos quarenta anos e em pleno gôzo das tuas faculdades mentais te lastimas de possuir muitas terras incultas e apenas o dinheiro suficiente para as manter...

Mas, minha tontinha, escuta: já não digo para fazeres fortuna, porque não tenho prática que me autorize a certos conselhos, ou antes ponderações: mas para higiene dessas queridas alminhas que te rodeiam, tudo te indica a obrigação de mudar de táctica. Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, à chuva; observa que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus livros de assentos bem organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puseres à sua disposição — e verás como no fim de alguns meses se acendem rosas de saúde nas suas faces e como nas planícies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode, florirão alegremente os vastos campos do cereais...

Ainda há bem poucos dias li uma notícia interessante a respeito da criação de galinhas e o negócio de ovos numa das mais alpestres regiões da Rússia, onde os meios de transporte para os mercados são ainda mais penosos do que os nossos.

O lucro que a exportação de aves dá a essa localidade, antes miserável e agora florescente e risonha, é verdadeiramente fenomenal! Graças aos patos, marrecos, galinhas e perús e às centenas de dúzias de ovos remetidos para Londres, êsse recanto ignorado da santa Rússia, em que o abandono e a ignorância isolavam os seus raros habitantes em casinholas disseminadas de pedra rústica, se transmudou numa vila asseada, com escolas, com estradas de comunicação fácil, com as doçuras do confôrto e da alegria. E tudo isso foi feito pelo influxo de um só espírito, o de um homem, alemão ou suisso, já não me lembro bem.

Obriga as tuas filhas a lerem os jornais todos os dias, sem desprêzo por certas notícias que se não relacionem com o nosso meio e perceberás que terão muito a lucrar com isso. Essa história da criação das aves poderia entreter uma ou outra das tuas filhas, e entretê-la com segurança de bom êxito.

Sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira — «Chacaras e Quintais» — que me dá algumas informações preciosas, as quais, se aceitares o meu plano, te irei transmitindo nas minhas cartas, a pouco e pouco.

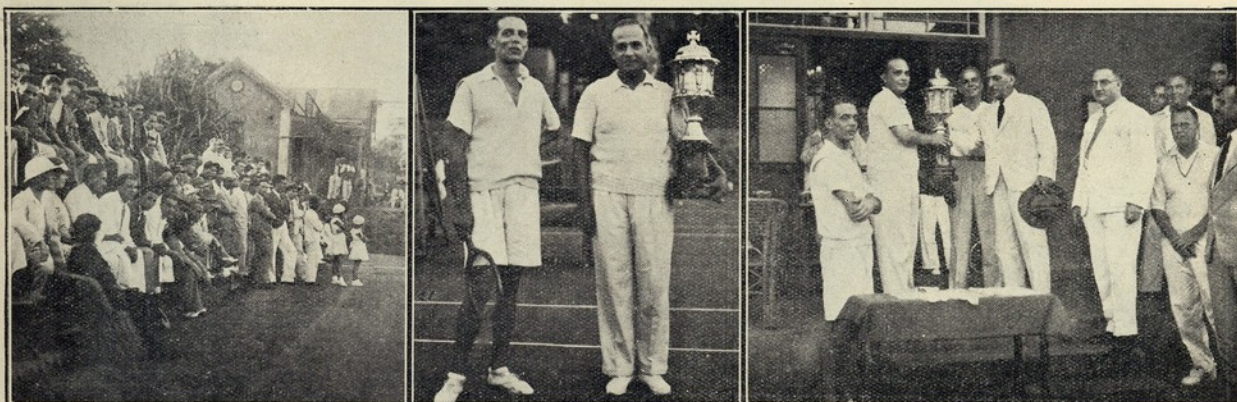
E agora ainda te direi que, para estimular o ânimo das tuas filhas, não será mau teceres com elas planos de futuro, baseados nos lucros das suas novas culturas, feitas pouco a pouco, com a prudência dos que não dispõem de grandes capitais. Lembra a uma que as sacas das suas batatas poderão fazer-vos um dia construir um palácio no Flamengo, e à outra que as suas galinhas proporcionar-lhe-ão o prazer de freqüentar diàriamente e de carro as grandes avenidas cariocas...

A ambição do dinheiro é a manivela que, inconscientemente ou conscientemente, nos faz dansar a todos; aproveita essa circunstância em favor da outra, a de veres as tuas filhas interessadas pedo progresso e a redenção das terras abandonadas em que vivem e pela civilização dessa gente do povo, que lhes rodeia a fazenda e que vegeta mais do que vive, sem proveito nem glória para o Brasil nem para si.

Espana as teias de aranha do cérebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que, dentro de poucos anos, tanto o «Remanso» como a «Tapera» estarão ligados à estação da estrada de ferro do povoado, por belos caminhos que os vossos automóveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o comércio com os grandes centros do país. E prevejo tudo isto porque sei de que milagres é capaz a inteligência e a energia das mulheres obrigadas a actuarem por si.

Responde-me. Eu abraço-te.

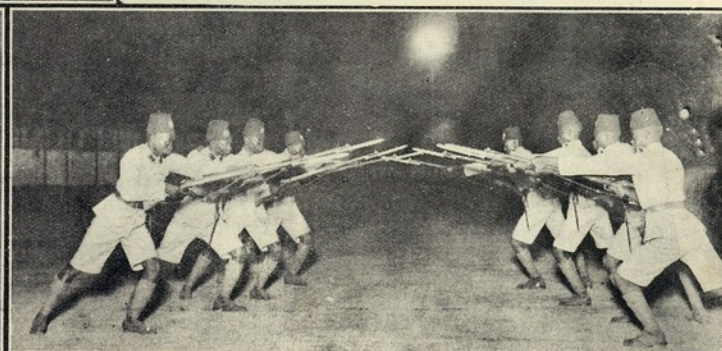
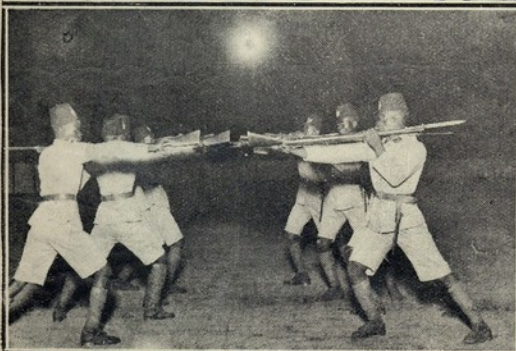
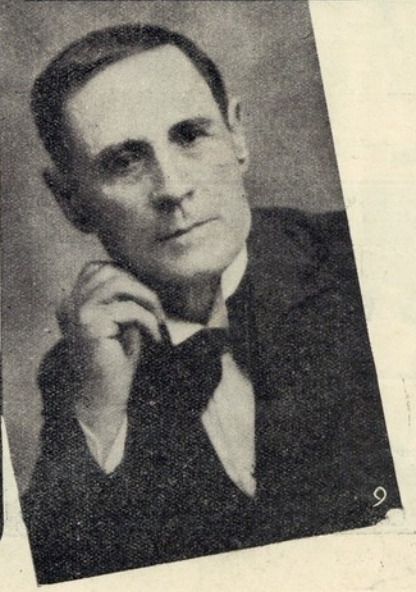
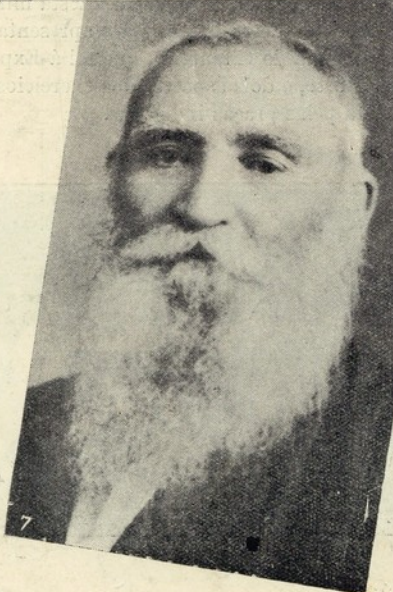
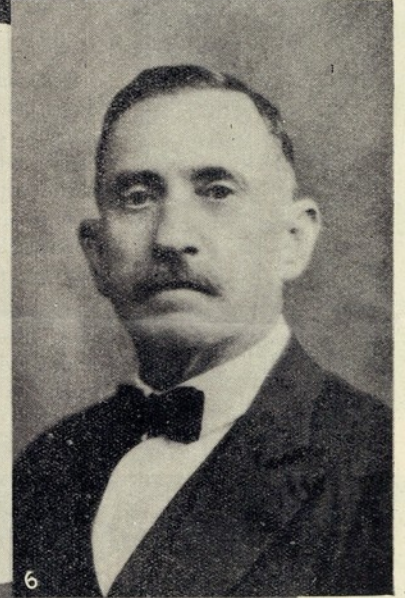
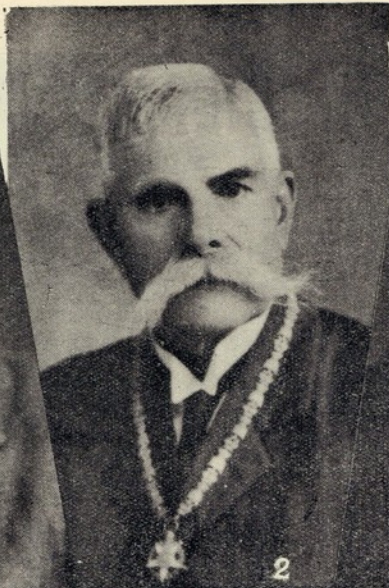
FERNANDA

The Ideal Summer
Drink

Actualidades locais

Em cima: A disputa da «Taça Nally» com um aspecto da assistencia; o «double» vencedor Bento Salema e José Aniceto da Silva, do L. M. Tennis-Club; e a entrega da artistica taça pelo sr. J. Silva Pereira, presidente da Camara Municipal ao sr. Aniceto da Silva, estando á esquerda do sr. Silva Pereira. o sr. Manuel C. Ferreira, gerente da casa A. Salvado da Costa, representante nesta Colonia dos produtos «Nally».

A' direita: D. Maria Sequeira Mendes Rocha, a primeira aviadora da Colonia, que concluiu o seu curso na escola da Aero Colonial.

A' esquerda: A taça «Marist Brothers», de que foi vencedor o team do futebol do Ferro-Viario.

Em baixo: Um aspecto da assistencia á festa militar realisada no campo do Ferro-Viario, para apresentação da Companhia Indigena de Infanteria, que foi á Exposição Colonial do Porto, e dois aspectos dos exercicios de esgrima á baioneta pelas praças indigenas.

Biografias dos Velhos Colonos

(1) Dr. Ângelo Ferreira, advogado, 62 anos de idade e 44 de Moçambique. É um dos velhos colonos mais ilustres. Nomeado delegado da Comarca de Tete, embarcou, em 1890, no «Luanda», da Mala Real Portuguesa, até ao Cabo, onde passou para o «Tungue», que o conduziu a Quelimane, então a segunda terra da Colónia. Desta vila seguiu, pelo Quá-qua, até ao Zambeze, e, um mês depois, estava em Tete, a Sintra de África, como lhe havia dito, pouco antes, no Cabo, Victor Cordon, em companhia de Serpa Pinto.

João Coutinho, de passagem em Mopeia, de regresso do Chire, ajudou-o com 120 indígenas para conduzirem o escaler que o levava, do «terminus» do Quá-qua, navegável até ao Zambeze, uns 17 quilómetros por terra. As primeiras febres visitaram-no nas alturas de Sena, e, qundo chegava a Tete, a 4 de Junho de 1890, foi obrigado a usar gabão de Aveiro! Depressa regressaram os 46 graus à sombra, e semelhante temperatura, aumentativa do calor da sua mocidade e avivadora da sua inteligência, levou-o a defender a independência do poder judicial, com desagrado do Governador do Distrito, capitão Alpoim, e do Governador Geral Machado, antes chefe da brigada de estudos do Caminho de Ferro de Lourenço Marques a Pretória e uma vez mais, depois, Governador Geral da Colónia. A sua atitude, legal mas irreverente, levou o Governador Geral a pedir a sua transferência para Timor. Pediu a demissão, em 1891, e estabeleceu-se, como advogado, em Lourenço Marques, onde se encontra ainda e marca com brilho o primeiro lugar.

O General Machado, quando, em 1913, foi segunda vez Governador Geral da Colónia, ao visitá-lo em sua casa, disse-lhe que devia a êle a sua bela vivenda...

Exemplar pai e avô, com 44 anos ininterruptos em África, sem voltar à Metrópole, ainda hoje faz grandes caminhadas a pé, e, como é um entusiasta jogador de «golf», atribui a êsse exercício o seu rejuvenescimento.

(2) António Manuel da Silva, militar reformado, de Póvoa do Varzim, 65 nos de idade e 46 de África. Possui a Tôrre e Espada, por serviços prestados em várias campanhas do Sul contra a gente do Gungunhana, onde foi intérprete e encarregado das fôrças indígenas fieis.

Consta que, ao chegar a Lourenço Marques — 1888 — não encontrou mais de quatro europeus e igual número de baneanos. Passados 4 meses, meteu-se a pé para o Rand, e só em Waterval Bowen encontrou gente e se pôde abastecer de víveres. Johannesburgo era, então, um montão de barracas, com muita gente a pesquizar e outra a fazer comércio.

Regressou a Lourenço Marques por volta de 1895. Do tempo passado nesta Colónia, a melhor recordação que conserva é a do movimento marítimo de 1896 a 1897 e do movimento do cais em 1910.

(3) João da Silva Alcóbia, comerciante, de Ferreira do Zézere, 67 anos de idade e 43 de Moçambique. Chegou a Lourenço Marques no vapor alemão «General», quando esta cidade era quási nada ainda. Por cá tem feito sempre comércio de restaurante e, nas horas vagas, de casa de jôgo. É, há muitos anos, o dono do restaurante «Leão de Ouro» e goza de ser um homem de boas contas.

Do que viu desde que cá está, o que mais retém na memória foi ter ganho, há anos, em oito meses, 8.000 libras, num casino que teve, denominado «Miramar Hotel».

(4) Manuel António de Palma, piloto da barra, natural de Mértola, 64 anos de idade, sendo 40 de Moçambique. Como marítimo, tem passado mais da sua vida no mar, trazendo navios para o pôrto, do que em terra. O que mais o tem impressionado foi o rápido desenvolvimento do pôrto.

(5) Bianca Vanz Mariani, 85 anos de idade, sendo 71 de Moçambique, com 54 de residência em Lourenço Marques. É natural de Londres, mas descendente de italianos. Inquirida sôbre a sua naturalidade, responde sempre que é portuguesa de tempo e de coração. Embarcou com seu marido, em Marselha, aos 14 anos; passou por Lourenço Marques, ainda presídio, encontrando apenas uma língua de areia, duas arvores, meia dúzia de brancos e indígenas; viu Levingston perto de Kimberley e Stanley, Serpa Pinto em Quelimane, e J. J. Machado, em 1875, em Lourenço Marques, que lhe disse que êste local ainda havia de ser uma grande terra, o que também já tinha ouvido dizer a outros.

Tinha uma grande simpatia por Mouzinho, a quem sempre chama «o grande homem», e é voz corrente que essa simpatia era bem correspondida.

Foi proprietária, durante muitos anos, do «Restaurante Americano», situado onde se encontra hoje o Standard Bank.

Mora num dos antigos quartos situados atrás do antigo hospital, ao lado do largo onde Mouzinho vai ter a sua estátua; e o seu quarto, a-pesar-de pequeno, é um recheio de coisas bem arrumadas, com duas varandas cheias de vasos com flôres.

Ainda conserva traços de mulher bonita, movimentando-se com elegância e sem dificuldade.

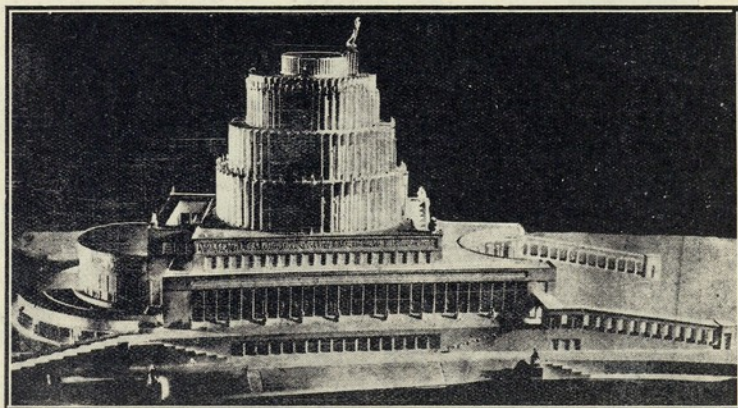
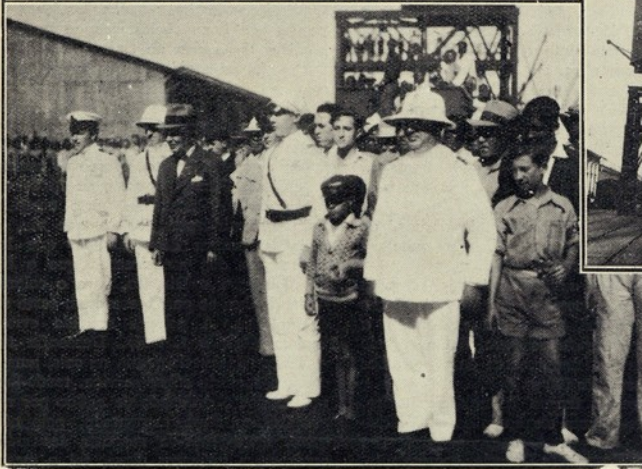
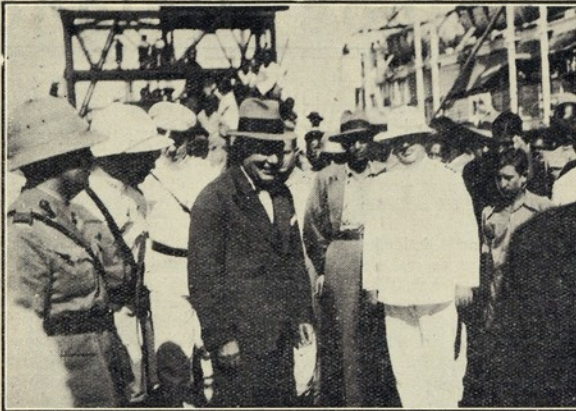
(6) **Manuel Fernandes Correia**, comerciante, de Vila do Prado (Minho), 67 anos de idade e 44 de Lourenço Marques, tendo estado, em 1885, em S. Tomé. Recorda-se de todos os factos mais notáveis passados na Colónia desde que chegou, mas o que mais o impressionou foi a intranqüilidade em que se vivia antes da prisão do Gungunhnana, devido à infidelidade indígena.

(7) Harry Wilson, proprietário, natural de Nova York, 77 anos de idade e 51 de Moçambique. Desembarcou no Cabo em 1879 e esteve em Kimberley no momento do seu entusiasmo diamantífero, onde pôde admirar, disse, a grandeza de Cecil Rhodes, tam grande que, ao contrário dos seus companheiros, deixou tôda a sua colossal fortuna ao seu país, para engrandecimento da África do Sul, pretendendo assim ligar melhor os laços de amizade entre ilheus britânicos do norte e afrikanders da África do Sul.

Dos factos mais notáveis em Moçambique, regista o feito de Mouzinho.

(8) Álvaro Coelho da Cunha, funcionário aposentado, natural de Viseu, 67 anos de idade e 44 de Moçambique.

(9) Joaquim Pinto Moreira, comerciante, natural do Pôrto, 75 anos de idade e 44 de Moçambique. Serviu no pôrto como contratado de guindastes, e, do que viu, guarda mais lembrança do abandono que levou à morte 500 dos madeirenses que o Govêrno mandou para o Distrito, para o colonizarem, pagando-lhes as passagens e um certo subsídio de entrada. A política seguida evitou que fôssem úteis à Colónia. Desconfia ter sido o General Machado quem, no cais, uma manhã cêdo, o inquiriu sôbre serviço, tendo-lhe então pedido que o ordenado de 45$00 por mês dos contratados fôsse aumentado, pois não chegava, e, a-pesar-da resposta ter sido «que esperassem melhores dias», foi o mesmo aumentado para 60$00 no mês seguinte.

U. R. S. S.

O palácio dos Sovietes — A nossa gravura mostra-nos o projecto do grandioso palácio dos Sovietes, já em construção, símbolo da Nova Rússia, que está sendo erigido em Moscovo. A parte superir servirá de pedestal a uma colossal estátua de Lenine, com cêrca de 60 metros de altura. Êste projecto foi escolhido, num concurso, entre 271 projectos apresentados.

Actualidades

Dois aspectos da assistencia do sr. Governador Geral na ponte cais quando da revista e embarque da Companhia Indigena de Infanteria que foi á Exposição Colonial do Porto. O guindaste da Ponte Cais, de 60 toneladas levantando 88 toneladas nas ultimas experiencias realisadas. Grupo da assistencia á festa do Instituto Negrofilo, a que presidiu o sr. Augusto Cabral, director dos Serviços dos Negocios Indigenas da Colonia.

Coração ao pé da bôca

Ao cap. Manuel Vaz

— pela devoção com que seguiu o seu talento de jornalista e... porque é um dos que jàmais se esquece de trazer consigo o seu balde...

■ ■ ■

JÁ pelas encostas desciam, a passo lento, rebanhos. O badalar dos chocalhos, ao ritmo lento do passo, tangia, na rima monótona do cobre bárbaro, a tonadilha nostálgica das canções dos pastores.

Despegaram do trabalho os cavadores do campo, por volta de Ave-Marias, e recolhiam também por seu vagar a casa. Enfarados, lassos de fadiga, ficavam por ali às portas inda um pouco, a descansar da faina. As mulheres, começavam de atrafegar-se, junto das lareiras, nos preparativos da ceia.

Acravara-se de todo o sol por detrás do monte. Uma poalha de luz, — amarela como âmbar, sangüínea como rubim — ficara suspensa no ar, para as bandas do poente, como luz coada pela rosácea aberta no granito negro e rude das catedrais antigas.

Todo o dia estivera um calor tropical. O sol mirrou as fôlhas, exauriu raízes, deixou a terra numa exaustão total. As tintas sensuais da folhagem, lambidas por essa língua de fogo, desbotavam para um tom pardaço, dentre amarelo e cinza, duma paisagem desolada de terra adusta. Vinha dos longes, ao de leve, uma bafagem de brisa aflante, como tatalar de asa ligeira, varrendo da encosta as rudes emanações montesinas, acres aromas da esteva, da urze e rosmaninho.

Entrava a tarde no lusco-fusco. E quando tudo parecia ir a modo a desfazer-se na penumbra enleante do crepúsculo, ouviu-se de repente um grito.

Um arrepio de pavor estremeceu as coisas, perturbando a paz religiosa daquela hora final do dia. Não se sabia o que era. De seguida, passa um vulto a correr:

— O que é?

E logo outros o seguem. Os homens levantam-se da soleira das portas, onde se haviam sentado, a descansar da faina; as mulheres, tiram-se dos seus cuidados, e lá vão. Mas, ninguém sabia ao certo para onde ia. Ninguém sabia ao certo porque corria:

— O que é? O que é?

■ ■ ■

Ao dar «Trindades», recolhia êle a casa, enxada ao ombro, lasso de fadiga, por seu vagar. Todo o dia estivera um calor de fazer cair rôlas assadas. O ar era um hálito parado de incêndio, uma baforada bochorna, — a palha sêca, boca de forno, a queimado. A terra escaldava, escaldavam as pedras, e rachavam com o calor.

Logo por manhãzinha o arrebol prometera calma rija. O sol saíu bravo do nascedouro, picando como um dardo de fogo. Fora do monte, era um disco enorme, metálico, esbraseado, que mal se podia fixar a ôlho nu.

A passarada desenvolta, na previsão dêsse dia de calma, cantou à pressa os versículos de matinas. E as cigarras, no tope das árvores, preparavam a salmodia estrídula do «meio-dia», ensaiando trilos agudos.

Lançado no espaço, como um balão, o sol diminuía de tamanho, e concentrava como uma lupa a luz e o calor. Já se não podia olhar de frente. Irradiava, como um topázio colossal em chama, fulgurações deslumbradoras, que cegavam a vista. Pelo céu fôsco, azul em fluidez, não havia um só negalho de núvem. O céu era liso como a palma da mão...

A poeira fulva que caía de alto, limalha de oiro e pó de dimante, aquecia ao rubro. O sol era agora a boca duma fornalha, baforando sôbre a terra um hálito de incêndio. Já se não respira à vontade. Pressente-se uma inspiração, de fora para dentro, como se a terra abrisse a boca e sorvesse todo o ar, deixando o espaço vasio. E a calma aperta de mais em mais. A luz corta como vidro os olhos; o ar é quente; a terra escalda...

À roda do meio-dia, um instantinho houve em que tudo parecia pegar a arder. A hora é quêda... soturna... Só de longe em longe um hausto ofegante de sufocação se ouve, crepitação surda, sôpro arquejante. Cai fogo em silêncio do céu. E a terra estorce-se no flagício lento da calma...!

Lentos e lassos, os cavadores atiram os alviões à terra. Mas, não têm alma de cavar a terra, os cavadores. Abrasados de calma, alagados em suor, cegos das reverberações cortantes da luz, apoiam-se nas enxadas, espècados pelo sovaco. Abrem a boca em grandes haustos de ar. Mas, o ar não lhes enche avonde a arca do peito. Mortos de sêde, levam os cântaros com sofreguidão à boca, e a água passa a cantar aos gorgolões na goela: — «gul»... «gul», «gul»... «gul»... Mas, a água não lhes mata a sêde. A água é morna, o ar é quente, a terra escalda...

■ ■ ■

Quando êle recolhia dessa vez a casa, ao dar «Trindades», enxada ao ombro, por seu vagar, levava ainda nos olhos aquele fogaceiro do sol, que o fazia ver tudo à volta côr de fogo. Se fechava e abria os olhos, via fogaréus por tôda a parte. Por isso nem fez reparo, ao princípio, num fio leve de fumo que saía duma casita, um poucochinho afastada do lugar, do lado de lá da ribeira. Era um fiozito leve de fumo. Mas, começou a engrossar, e a tornar-se cada vez mais denso. Cada vez mais denso e cada vez mais negro. Outros tufos de fumo, aqui e acolá, como passados por um crivo, saíam depois pelos interstícios do telhado. De repente, e da boca duma fornalha que se destapa, irrompem labaredas pelos postigos. Estralejam faúlhas no ar. Vêm de dentro de casa, às lufadas, núvens de fumo, que se ennovelam e desennovelam no ar, como ondas em mar de levadia.

Mas, nem êle faz reparo, ao princípio. Trazia ainda nos olhos aquele fogaceiro do sol, que o fazia ver tudo à volta salpicado de fogaréus. Entrou a escurecer o dia. No lusco-fusco da tarde, pôde êle então lobrigar, no fugente cinza da tarde, distintamente, as labaredas. A casita estava tôda em chamas:

— Fogo, além, do lado de lá da ribeira!

Num pronto, atira a enxada e a jaleca ao chão, e desata a correr.

— O que é? O que é?

■ ■ ■

Lusco-fusco da tarde. Já os trabalhadores do campo haviam recolhido a casa, e ficavam por ali às portas, inda um pouco, a descansar da faina. Mas, logo que ouviram aquele grito de alarme, e por êles passou um vulto a correr, ergueram-se espavoridos e puseram-se também de corrida:

— Fogo! Fogo! Fogo!

Direito ao incêndio, êle lá vai à frente, lugar acima. Mas, nisto, repara que leva caminho errado. Para passar a ribeira, que corria mesmo ao pé do incêndio, não era por ali o melhor caminho. E volta, de súbito, para trás. Então, há um embate formidável entre os que correm para a frente e os que voltam para trás. Chocam-se uns com outros, peito contra peito. Embrulham-se e caem de restolhada. Levantam-se como podem e continuam a correr. A correr...

— Fogo! Fogo! Fogo!

Num abrir e fechar de olhos, aqui caio, acolá me levanto, lá chegaram ao pé do incêndio. A ribeira, que corria caudalosa, ressaltando comportas, não lhes deteve a corrida. Os homens lançam-se a nado; as mulheres passam-na a vau. Frente ao incêndio, esbaforidos, o coração a saltar-lhes da boca, incitavam-se uns aos outros:

— Acudam! Acudam!

O incêndio é uma massa de fogo, compacta, enorme, apocalíptica! As labaredas são Génios de Destruição em revolta, acometidos duma vesania de extermínio. Surdem por tôda a parte, multiplicam-se, espadanam uma língua de fogo, em ponta lanceolada, e chicoteiam o ar com um ruído de seda velha a rasgar-se. Há um rumor confuso, feito de crepitações, estalidos, rangido de dentes, risos escarninhos. É um «fervet opus»! Um «Sabat» demoníaco! As chamas bailam a dansa lúgubre de coribantes.

Onde e onde, o arcaboiço da construção range, estremece, e caem pedaços a arder. Estrelouçam faúlhas em revoada. O incêndio devora tudo! Não fica pedra sôbre pedra! Tudo arde! Arde tudo!

Tôda a aldeia ali estava, homens, mulheres e crianças. Aos gritos de alarme, todos partiram de arrancada, uns atrás doutros. Frente ao incêndio, vibravam em unísono na mesma emoção, capazes de o extinguir até com o próprio peito.

— Acu-u-dam! Arde tudo!

E tudo ardeu... Loucos, heróicos, sublimes, todos partiram como uma flecha, direitos ao incêndio; mas, nenhum dêles se lembrou de levar consigo um balde para água. Nem um só! Nem um só balde...

E água, havia-a com fartura na ribeira, que passava ali tão perto, tão pertinho...

RUY SANT'ELMO

As viagens maritimas

Um navio de vela com o pano largo e enfunado é, hoje, um espectáculo tam raro que nos faz instintivamente recuar umas dezenas de anos na história da navegação.

Vão distantes as navegações dos «China Clipper's», afrontando os tufões do mar da China e as procelas do Cabo da Boa Espe-

Navio recebendo uma volta de mar entre os mastros de traquete e grande, continuando o navio a correr em gaveas baixas.

rança ou do Cabo Horn, e dos «Western Ocean Packets», os predecessores dos actuais paquetes da travessia do Atlântico, muitos dos quais ostentavam os pavilhões de algumas das mais importantes das actuais companhias de navegação, entre os quais se notabilizou

Barca de mastros «Hougomont»

o «Lightning», que, em 1 de Março de 1854, em viagem de Boston para Liverpool, conseguiu andar 436 milhas em 24 horas, ou seja uma média de 18,2 milhas à hora, o que é simplesmente assombroso.

Mas uma tal marcha num navio de vela só era possível sob uma verdadeira tempestade, correndo com o tempo, e para ajuizar um pouco dos efeitos duma corrida destas, em pleno Atlântico Norte, em que os homens da tripulação têm que andar amarrados no convés, com cabos de vai-e-vem, para não serem levados, borda fora, pelo mar; escarceus sôbre escarceus rebentando no convés, arrastando o que encontram, deixando, após a tempestade, o convés juncado de destroços, uma escada partida aqui, um ventilador amolgado além, uma porta estilhaçada no outro lado, numa visão de naufrágio que sabe Deus quantas vezes esteve iminente.

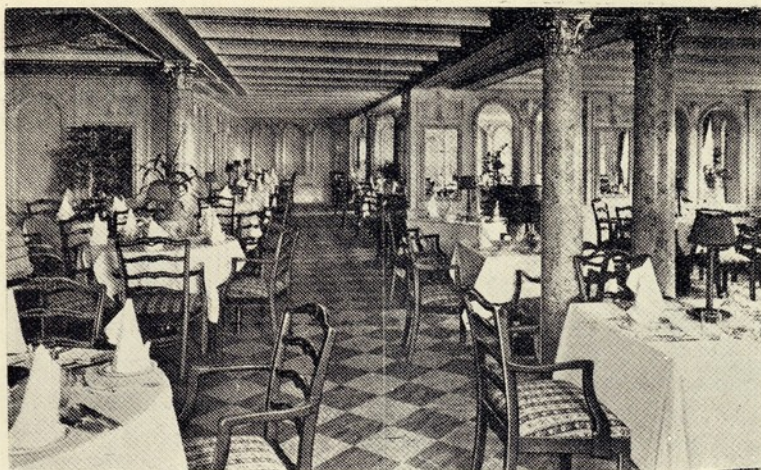
Barca «Garthsnaid» 1892. — Fotografia tirada do curupez: «Amarrando o traquete debaixo do mau tempo. O mar e o vento são da popa.

Para se ajuizar melhor dos efeitos duma corrida destas, extraímos do «Diário do «Lightning», publicado no «Lloyd's Calendar», os dados seguintes:

«Posição em 28 de Fevereiro de 1854, latitudo 52° 38' Norte e longitude 22° 45' Oeste, vento sul muito forte, navegando sob forte mar, a alcançar o Canal do Norte. Perdemos a gávea alta e a vela de estai, rasgadas pelo vento, navegando com uma velocidade entre 18 a 18,5 milhas à hora, sempre com a balaustrada da borda de sotavento debaixo de água e o aparelho da mastreação do lado de sotavento brando.»

O marinheiro de hoje perdeu o hábito de ser bruscamente acordado durante as suas horas de folga e subir à mastreação, a amarrar o pano, sob a aguaceirada; modernamente, o marinheiro pega e larga o serviço a horas

O paquete alemão «Europa» de 50.000 toneladas e 28 milhas de andamento

do passado e do presente

O luxuoso salão de jantar do paquete «Europa»

certas e quando vem algum aguaceiro procura mas é a maneira de se abrigar da chuva.

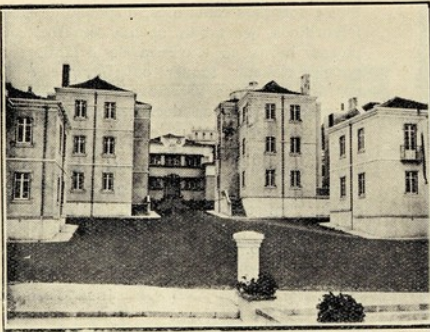
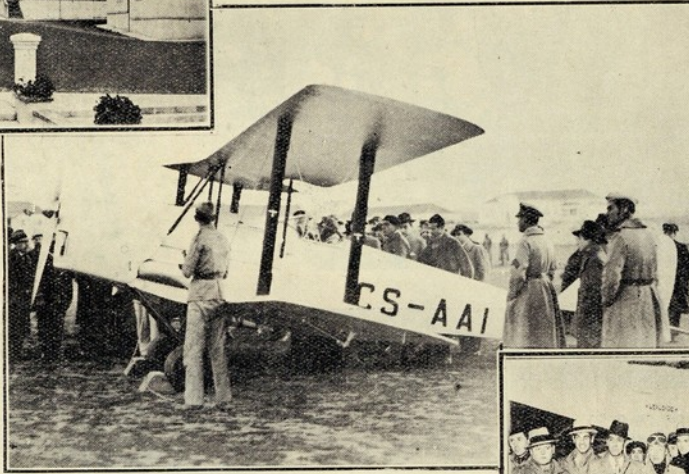
Quer se embarque num navio de carga, quer num paquete, o homem, felizmente, dispõe de meios mais eficazes para lutar com os elementos em fúrias, e se essas maravilhas da engenharia naval, orgulho duma geração, ainda sofrem os seus precalços nessa luta desigual, dão, todavia, a quem nêles embarca, uma noção de segurança muito diferente da que davam os navios de então, além dum confôrto em que qualquer dos melhores hoteis da terra os não excede.

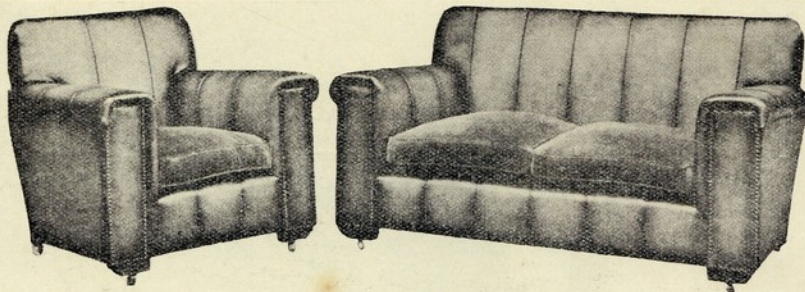
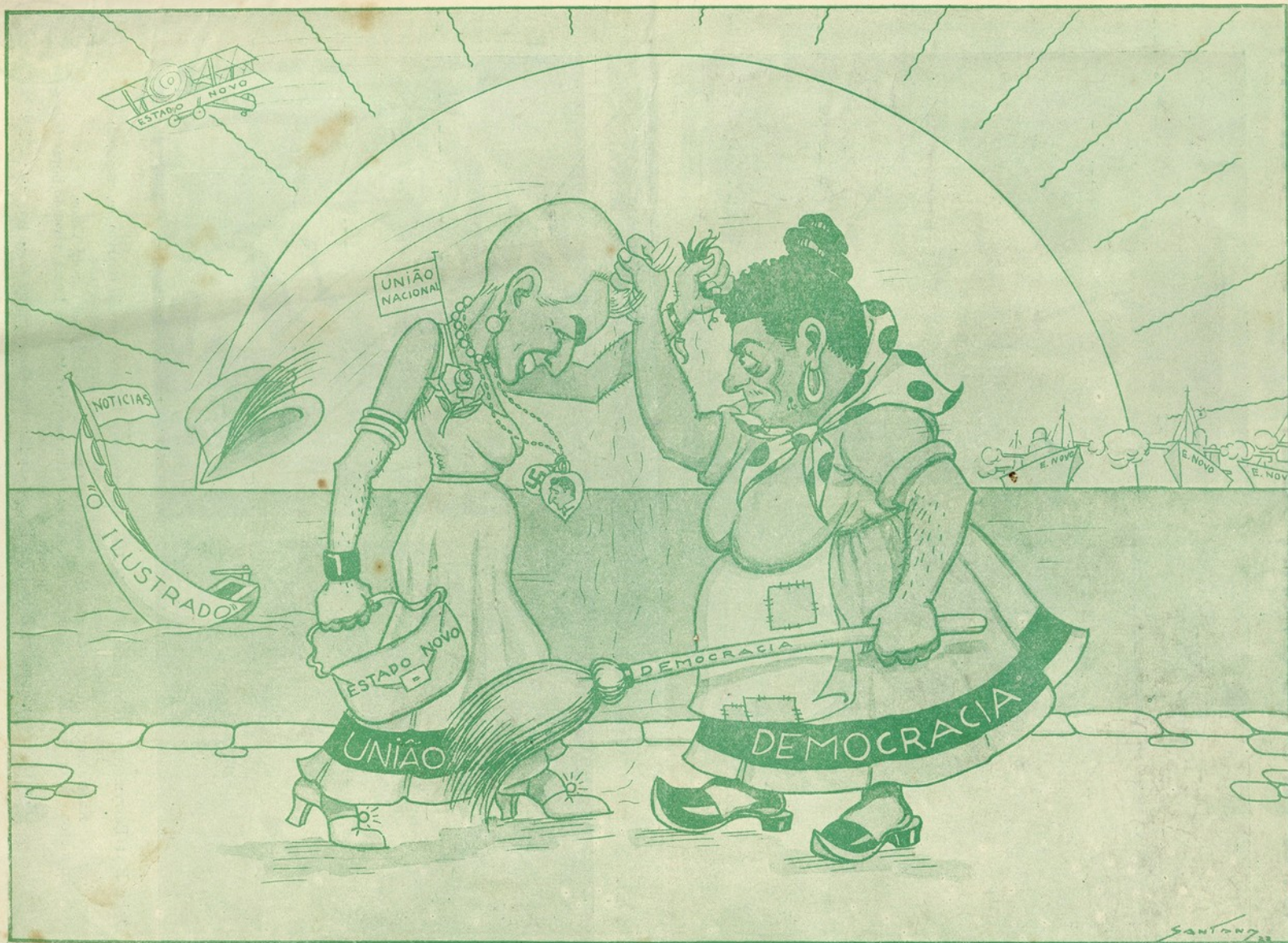
Os passageiros dum paquete moderno, com orquestras e sumptuosos salões, onde a temperatura é sempre agradável, belos tombadilhos e soberbos camarotes, dispondo de amplos frigoríficos, gastando apenas quatro dias e poucas horas na travessia do Atlântico, não podem visionar sequer os riscos e o desconfôrto dos que arrastavam longas viagens à vela, em que as doenças, fomes e sêdes não eram raras.

Felizmente, os tempos vão mudados, mas, ao vermos um navio de vela, dos pouquíssimos que ainda navegam, somos levados a saüdar com respeitosa simpatia o representante dum passado glorioso que marcou na história da civilização.

José Vicente

O magnifico salão de fumo

O raid aéreo Lisboa-India

Um aspecto do novo Bairro de casas economicas, na Ajuda, ha pouco tempo inaugurado em Lisboa pelo Governo.

O avião de Carlos Bleck pouco antes de levantar vôo para a India.

Carlos Bleck, momentos antes de partir, rodeado pelos seus amigos.

Os extremos... tocam-se...

Fóra do écran, dentro da vida...

John Blyt Barrymore, o filho mais novo de John Barrymore e Dolores Costello Barrymore, recentemente nascido, posa... para a sua primeira fotografia, junto de seus pais.
Karen Morley, artista da «Metro», com o seu primogenito, Michael Caroly Vidor.
Neil Hamilton, actor da «Metro», com Hamilton e sua filha adoptiva Patricia Luiza, vivendo horas felizes na sala de brinquedos.
Ben Lyon e sua mulher Bebe Daniels com sua filha Barbara... futura «estrela».

EQUILIBRIOS

Dois artistas indianos, equilibristas notaveis, estão-se exibindo com grande sucesso em Paris. A fotografia apresenta-nos um dos seus numeros equilibrando-se o homem a 15 metros de altura sobre uma taboa assente sobre um rolo movel e sustentando nos braços a mulher numa atitude artistica.

Diversões dos soldados ingleses do regimento n.º 20 da Rainha por ocasião das recentes manobras do exercito.

Operarios construindo um andaime para reparações exteriores do edificio do Parlamento inglês. A gravura mostra-nos um aspecto do enorme relogio.

Uma profissão arriscada. Estes homens, verdadeiras aranhas humanas, estão tecendo uma teia que é u[illegible] resguardo prote[illegible] dos fios telegrá[illegible] telefónicos, co[illegible] de evitar aci[illegible]

John B

Neil Hamilton

Be